

## Carta sobre Escrita – 31

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

“Chiquinho” é um importante romance de Baltazar Lopes, escritor cabo-verdiano que nasceu em 1907 e morreu em 1989. Este livro tem, pelo menos, três características fundamentais: é a primeira obra de ficção cabo-verdiana, é uma notável exposição narrativa de como era a difícil vida na ilha de S. Nicolau, em Cabo Verde, no início do século XX e é a denúncia de uma política de abandono à fome por parte do Poder português. Além do que fica dito, esta obra de Baltazar Lopes é também a crítica social aos comportamentos dos cabo-verdianos que se mostram muitas vezes parte do problema coletivo, em vez de serem parte da solução.

É, a todos os títulos, uma obra notável. Não é possível lê-la e ficar indiferente, mesmo se apresenta algumas limitações que são fruto da época e de ser a primeira obra (mas obra grande) do seu autor. Publicado em 1947, em Cabo Verde, foi de novo publicado em edição fac-símile em 2014, em Portugal.

Baltazar Lopes foi, com outros, fundador da revista “Claridade” que, no essencial, bebia no mesmo espírito que este romance. Chiquinho, que dá nome ao livro, é a personagem central da narrativa e conta na primeira pessoa a história da sua vida, logo do povo cabo-verdiano, desde o seu nascimento até à sua partida para os Estados Unidos à procura da vida que a sua terra lhe tornava impossível.

Este mesmo Chiquinho é a personagem central do romance de José J. Cabral “Destino Aziago”, publicado em 2022, em resultado de ter vencido o Prémio Literário Arnaldo França. José J. Cabral pega na personagem de Baltazar Lopes, imagina a vida que leva após o regresso dos EUA à sua terra natal. É agora um homem maduro, com algum conforto financeiro e mais mundo, o que faz uma grande diferença no meio local. Cabo Verde é, nesta obra, já um país independente, com tudo o que isso implica, desde o contencioso político interno, incluindo a transição do mono para o pluripartidarismo em 1991, e as transformações que a vida dos cidadãos vai conhecendo. Mas como nenhuma sociedade é perfeita, também esta apresenta os seus vícios, que são criticados. Vemos ainda nesta obra alguns desafios sociais deste novo país, ainda (como todos e sempre) à procura dos caminhos do seu futuro.

As dificuldades nunca acabam, apenas se transformam. Cabe aos cabo-verdianos assumirem os problemas e construírem as soluções necessárias. Este “Destino Aziago”, de José Cabral, traz a mesma vocação da obra inicial: o conhecimento das formas de vida dos cabo-verdianos, a denúncia dos problemas e a sugestão de que podem ser construídas soluções, isto através das intervenções ficcionadas de Chiquinho, um novo homem grande à medida do que podem e devem ser os homens e mulheres da sua terra renovada.

Estes dois romances, um de meados do século XX e outro da segunda década do século XXI, mostram ainda outro serviço importante. Ambos são escritos em língua portuguesa, mas usam-na com o “sotaque” cabo-verdeano. Assim como os brasileiros fizeram sua, isto é,

marcaram à sua maneira a língua de todos nós, também estes dois livros procuraram fazer sua, isto é, dos cabo-verdeanos, a língua em que se apresentam escritos. Não são suficientes apenas dois romances para deixarem esse serviço feito. Também os falantes e todos os outros escritores são chamados a terem um papel ativo neste campo. Os falantes cumprem-nos sem grandes problemas. Quanto aos escritores, a começar pelos jovens que querem ser escritores, o desafio está sobre a mesa.

Qualquer destes romances é um bom exemplo de como a boa literatura, nomeadamente a ficção, pode ter um papel social muito importante. É justamente por isso que há obras que ficam na História: porque a fazem.

Muito haveria a dizer sobre o que torna importante um romance – ou uma novela, ou um conto ou um poema, ou um ensaio, ou... seja lá o que for. Mas, por hoje, basta.

Julho de 2024

José A. Jana